



DISCERNMENT: A CHRISTIAN WAY OF LIFE

Saudação institucional

Gabriella Gambino

Subsecretária do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

“Ela é Aquela que estremece de júbilo na presença de Deus.” (GE 176)

Tenho o prazer de dirigir uma saudação, em meu nome e em nome do Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, o Cardeal Kevin Farrell, a todos os presentes e a todos os que nos acompanham online. Saúdo, de modo particular, o Grão-Chanceler do Instituto, Sua Excelência, Monsenhor Paglia; o Presidente, Prof. Philip Bordeyne; os colegas professores e os estudantes. Agradeço à diocese de Roma pelo apoio na organização deste seminário, que, em comunhão com o nosso Dicastério, o Instituto João Paulo II idealizou e promoveu a fim de responder, de maneira específica, ao convite do Santo Padre de trabalhar juntos, neste “Ano Família *Amoris Laetitia*”, com o intuito de levar a cabo a terceira fase dos sínodos extraordinários sobre a família, a fase de *implementação*: o período em que as reflexões reunidas na exortação apostólica podem ser gradualmente recebidas nas Igrejas particulares, permeando, assim, o caminho pastoral.

Aproveito esta oportunidade para partilhar algumas breves reflexões sobre o tema central do seminário de hoje: o discernimento como caminho de vida cristão.

O discernimento constitui uma das questões centrais do magistério do Papa Francisco. Desde a *Evangelii gaudium*, fomos chamados de maneira explícita a caminharmos juntos – leigos e pastores, em razão do Batismo comum – numa Igreja que não deve ser apenas um “lugar da misericórdia”, mas que se faça lugar de um percurso contínuo de discernimento (EG 30) das *sendas do Espírito* (EG 45). O apelo do Santo Padre ao

discernimento pastoral evangélico conduz-nos a fazer reflexões exigentes, em muitos aspectos difíceis, que devem levar em conta a complexidade da realidade pastoral atual, principalmente no que diz respeito à família. Este discernimento requer inteligência pastoral, generosidade apostólica, prudência, desejo de participar de processos que tornem possível o que o Papa Francisco desejava na *Gaudete et exsultate*, n. 169: “O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor. É-nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o seu convite a crescer”.

Dado que o objetivo, como no-lo solicita *Evangelii gaudium* 24, é justamente acompanhar as pessoas nessa revolução interior que só Deus pode realizar, o discernimento torna-se, pois, crucial para todo bom cristão, e mais ainda mais os jovens, que têm nas mãos a Igreja do futuro, e para as famílias, em cujas mãos o Senhor confia a acolhida e o cuidado de cada nova vida e vocação. E hoje mais do que nunca, visto que o Santo Padre já nos chamou a um novo caminho sinodal, o qual pretende ser o ápice de um processo de escuta e discernimento dentro da Igreja para que todos sejam participantes da missão num espírito de autêntica comunhão. Um caminho no Espírito.

No mundo totalmente secularizado que hoje entra insistentemente nos nossos corações e nos nossos lares, o discernimento deve ser o olhar profundo do cristão que “se nutre da luz e da força do Espírito Santo” (EG 50), que nunca renuncia ao bem possível, que se esforça para tornar-se a si mesmo, assim como à realidade ao seu redor, permeáveis à graça e, como dizia Santo Inácio¹, sempre num *sentir com a Igreja*. Nunca sozinho, nunca tendo a autorreferência como horizonte de sentido. Porque o nosso coração, para ser salvo, deve ser dócil e saber que têm Deus por pai e a Igreja por mãe², para não nos sentirmos órfãos, mas filhos amados.

O discernimento sobre o qual queremos refletir hoje, então, não é só um processo decisional, mas *um estilo de vida cristão*, um processo existencial e pessoal, mais do

¹ Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 353.

² cf. Cipriano, *De unitate ecclesiae*, 6, PL 3, 503.

que eclesial. Deve ser entendido, em particular, como um desejo e uma busca constante dos *sinais* da presença de Deus na nossa vida para orientar de forma sapiencial a vida individual, conjugal e familiar em conformidade com a chamada à santidade de cada um. Os jovens que se preparam a formar uma família precisam dele, assim como os recém-casados, para quem abandonar as ilusões de uma vida de apaixonados deve poder significar tomar caminhos mais radicais de amor e de dom de si. Dele também precisam os esposos, depois de décadas de vida juntos, em meio às crises, e principalmente fora delas, para continuar a descobrir a graça no sacramento que lhes é próprio, sem se contentarem em “sobreviver”, ou esperar que se esgotem as suas forças e que a Igreja seja sempre obrigada a trabalhar como um “hospital de campanha”. Na minha experiência, passei a considerar como uma urgência pastoral mostrar as ferramentas do discernimento às famílias: poderíamos prevenir tantos sofrimentos, tantas rupturas relacionais, tantos abandonos que ferem de maneira definitiva os filhos, tantas traições que nos roubam a esperança.

A exortação *Amoris laetitia* não disse que a missão da Igreja era somente a parte mais frágil das relações, dos sentimentos, das promessas, enfim, tudo o que diz respeito à crise, mas todas as dimensões e todos os tempos da vida familiar: o amor conjugal, a abertura à vida e ao nascimento dos filhos, a educação e o acompanhamento das crianças e adolescentes na descoberta da sua vocação, os desafios e dificuldades de todos os dias, tanto as que nascem no coração do homem quanto as que vêm de fora, de uma cultura cada vez mais individualista e secularizada, que rompe laços, que afasta de Deus. Tudo isso, para nós, hoje, é o espaço do discernimento, o espaço em que aprendemos que o tempo é superior a qualquer capacidade que temos de pensar a realidade e requer paciência, silêncio interior, no qual devemos aprender a escutar e discernir a voz de Deus, escutar os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras. (GE 172), pois sempre pode acontecer que Deus nos esteja a oferecer algo mais (GE 172).

O sentido da palavra discernir é muito exigente: remete ao ato de “escolher separando”. “Baseia-se na convicção de que Deus atua na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro”. Assim, como definiu o Papa

Francisco, o discernimento é essa atitude interior enraizada num contínuo ato de fé³. Esta convicção requer que aprendamos a pensar a realidade não segundo os homens, mas segundo Deus. Ajuda-nos a “discernir o que vem realmente de Deus” (EG 119), o que une a Deus, contrariamente ao que nos fecha em nós mesmos, nos nossos medos, nas nossas fragilidades. É um caminho, um dinamismo, que não nos deixa ficar sozinhos; é um percurso, uma meta a alcançar, para “orientar para o bem e a beleza as próprias opções individuais e sociais” (EG 77).

Nas situações difíceis das famílias de hoje, o discernimento pode fazer-nos compreender o alcance da vida nova em Cristo, que transforma os nossos planos, muda as nossas decisões e nos torna capazes de escolhas que nunca antes teríamos imaginado, para nos voltarmos a cada vez para Ele.

A Igreja chama as famílias a tornarem-se sujeitos da nova evangelização, porque elas, melhor do que ninguém, são testemunhas de uma realidade que só elas podem conhecer a fundo, mas precisam aprender a ler essa sua realidade “segundo Deus”. O discernimento tem essa função: tornar a realidade permeável a Deus, para poder vê-lo agir, para poder percebê-lo, para saber ouvi-lo.

Ajudemos, pois, os jovens, os esposos, as famílias a lerem os sinais de Deus na sua vida. Busquemos formar-nos para saber acompanhá-los quando a crise é forte, mas também quando as coisas parecem correr bem: é esse o momento perfeito para nos prepararmos para o discernimento em família no dia a dia. “Aquele que pede tudo, também dá tudo, e não quer entrar em nós para mutilar ou enfraquecer, mas para levar à perfeição” (GE 175).

Bom trabalho a todos.

³ Francisco, Discurso à I congregação geral da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 3 de outubro de 2018.